

Esperança renovada

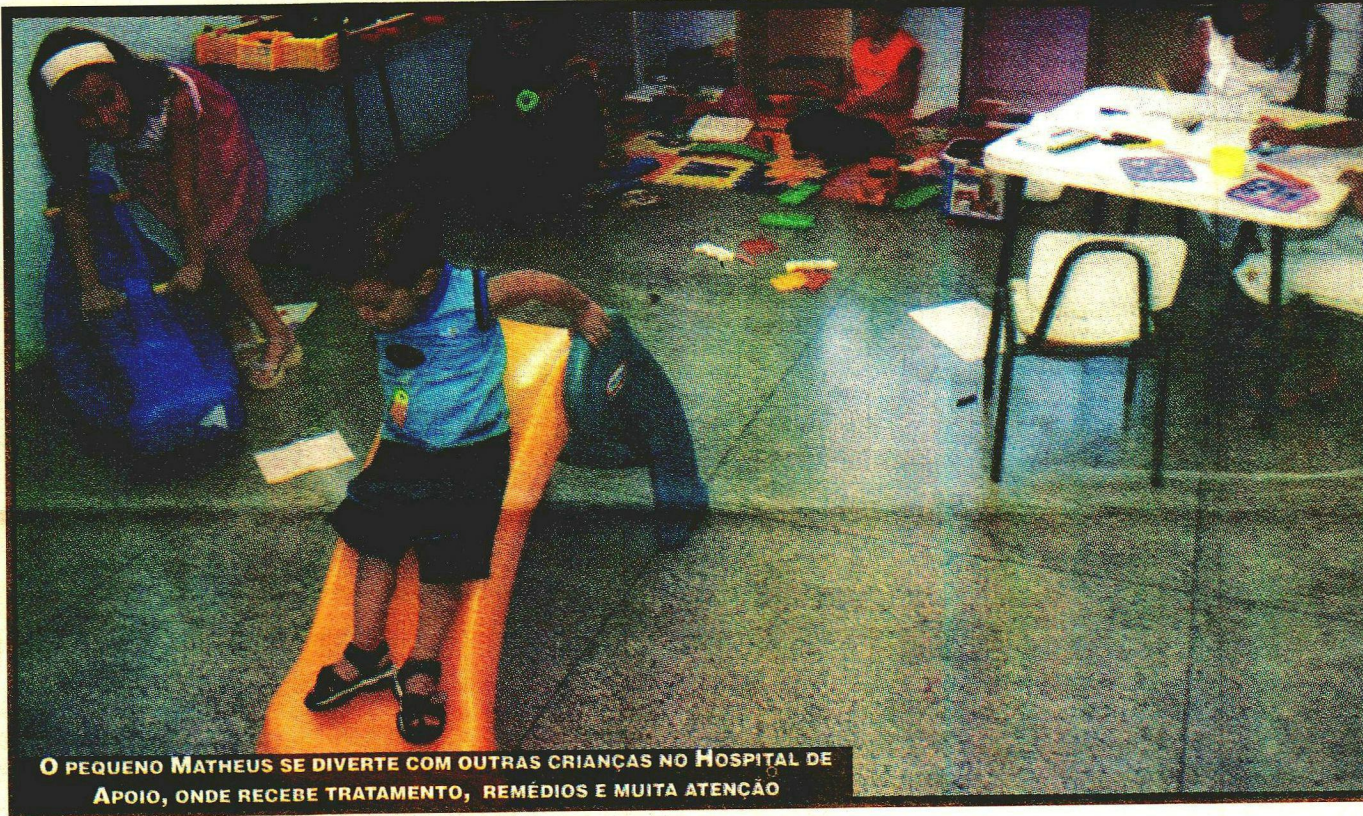
Thyago Arruda

Roberta Gomes de Lucena, 33 anos, descobriu que seu segundo filho era portador da hemofilia, quando ele tinha apenas seis meses. “Matheus tomou a vacina contra poliomielite e os hematomas apareceram. Primeiro, os médicos acreditaram que era reação alérgica, mas com a segunda dose, a coisa ficou pior. Daí, pediram os exames para comprovar se ele era mesmo hemofílico”, relembra.

Matheus, que hoje tem 1 ano e nove meses, está feliz com o sucesso do tratamento de profilaxia (aplicação de fator de coagulação semanalmente, como prevenção a futuros cortes) que aprendeu no Hospital de Apoio. Para a mãe do mascote da equipe multidisciplinar que trata dos hemofílicos, as instalações e o trabalho dos profissionais são surpreendentes. “Por ser da rede pública, achei que encontraria outra coisa. O atendimento é de primeiro mundo”, afirma.

Nos primeiros dias que tomou conhecimento da doença de Matheus, a família recebeu o apoio de assistentes sociais e psicólogos. “Ninguém conhecia a doença. O caso dele é uma mutação nova. Imagine só, o nosso desespero quando ficamos sabendo da notícia”, conta.

Hoje, um ano e três meses após o susto, Roberta vai ao Hospital de Apoio pelo menos uma vez na se-



O PEQUENO MATHEUS SE DIVERTE COM OUTRAS CRIANÇAS NO HOSPITAL DE APOIO, ONDE RECEBE TRATAMENTO, REMÉDIOS E MUITA ATENÇÃO

mana. O medicamento, importado dos Estados Unidos, Roberta recebe gratuitamente. “É muito caro, não temos condições de comprar. Quando está acabando no hospital, fico de olho no site da Secretaria de Saúde para ver quando chega nova remessa”, afirma. Ela também diz que mensalmente o filho – como todos os hemofílicos em tratamento – visita a cadeira do dentista, que trabalha como voluntário no hospital. “Há uma preocu-

pação em manter a saúde bucal, para evitar que eles tenham problemas nas gengivas e cáries. Aqui, o lema é sempre prevenir”, disse.

Nas visitas ao Hospital de Apoio, Matheus não perde tempo e só quer brincar. Com fama de peralta, ele passa horas se divertindo com as outras crianças nos escorregadores e desenhando na sala de recreação. Para quem não conheceu na infância o tratamento que Matheus recebe, a idéia é mais

que especial. “Naquela época, as pessoas tratavam as crianças hemofílicas com muito cuidado e privação”, disse, Hebert Rodrigo Palheta, 26 anos, professor de inglês, que frequenta o Apoio desde que o tratamento do grupo foi transferido do Hospital de Base para lá. Segundo ele, que há mais de duas décadas convive com a doença, o tratamento de profilaxia oferecido faz com que o hemofílico tenha uma vida normal.